

ATENEU

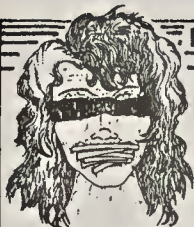
Opúsculo Aperiódico Anarquista/Ano II Nº 10

Cx.Post. 3204-São Paulo/SP-CEP.:01060-970

São Paulo, Março de 1993.



"AVANTE COMPANHEIROS,
QUE A MORAL DO NOVO MUNDO
NOS ESPERA!"



EDITORIAL

"...espero que consigam superar as dificuldades com o Opúsculo. Com certeza uma das melhores publicações literárias do país."

(Renato Ramos, CEL/RJ, Fev/1993.)

Prezados Companheiros!

Trataremos neste edit.de algumas considerações concernentes ao ATENEU e seus editores.

Tínhamos realmente em mente cessar esse Trabalho , devido as dificuldades e também à sua falta, em certos momentos, de utilidade. Fazer por fazer, é melhor não fazer!

Até quando nos foi proposto por alguns companheiros do C.C.S., divulgar textos sobre a história e a atual situação do mesmo. Isso nos motivou a lançar, já com a ajuda de outros companheiros, o último nº do ano de 92. Porém, algumas necessidades nos levaram a formar com outros companheiros, um grupo que atuasse dentro do Centro de Cultura. Logo percebemos as dificuldades que iríamos ter em participar deste recém formado grupo (o Coletivo Traça) e o GAP, até então, grupo editor do Ateneu. Obedecendo a lógica da conjugação de esforços para uma maior produtividade na militância, resolvemos dissolver o GAP e concentrar esforços no Col. Traça.

Percebemos que o Ateneu só teria probabilidade de sobreviver se abrissemos espaço para outros companheiros no trabalho. Propusemos ao Col. Traça assumir este Opúsculo, sob a liberdade de modificá-lo ou não, conforme suas decisões. Porém, algumas questões, tais como: condições de mantê-lo e afinidade com a publicação, impediram tal fato. E pesou-nos outra vez a fatalidade de ces-

- 01 -

sar o trabalho.

Mas os resultados das últimas publicações, as críticas, opiniões, e elogios, de companheiros como o Renato do RJ, a Marinice e o A. Carlos de SP, e outros, fez-nos enxergar que esta publicação não é vã; que por mínima que seja, merece reflexão!

Por isso resolvemos transformá-lo em aperiódico e cada publicação responderá a um fim necessário.

Obrigado a vocês companheiros! Nosso Trabalho depende de vossas críticas, por mais destrutivas ou construtivas que sejam!

Os Editores.

A OPRESSÃO DA MULHER DURANTE OS TEMPOS.

Entender a questão da mulher nos dias de hoje requer um estudo antropológico da história social.

Durante milênios a humanidade passou por inúmeras Revoluções, Transformações e rebeliões de todo tipo. Porém o mal não foi extirpado, as bases sociais não se modificaram e as correntes que sufocam a humanidade apenas douraram-se no caso da questão feminina, pintaram-se de rosa.

Em tempos passados, no Neolítico, as sociedades se organizavam sob bases sociais aversas a atual. Os denominados clãs, eram grandes famílias que se organizavam dentro de um regime comunitário; homens e mulheres eram indivíduos ativos dentro do meio social, para o bem estar-comum da coletividade. Durante a história humana, tudo na sociedade foi reflexo econômico. Nessas comunidades primitivas, a produção carecia de braços, pois desconhecia-se a agricultura e a criação de animais para o corte. Nesse âmbito, a maternidade ocupava um papel preponderante, e a mulher, por ter sido dota-



da pela natureza do afã materno, realizava uma missão de extrema importância para a sobrevivência da tribo. Seus braços também eram preciosos na colheita para a sociedade.

Tendo por base uma economia que visava o bem-estar comum, os outros aspectos sociais não poderiam se organizar com outro objetivo. A moral por exemplo, assentava suas bases com vistas na prosperidade e felicidade do clã. Não existia a monogamia ou o matrimônio indissolúvel; as uniões eram livres e o grau de parentesco por parte materna. Não existia a autoridade sobre os filhos, nem o direito de posse sobre a mulher, mas o reconhecimento mútuo de indivíduos sociais. Mas essa comunidade de irmãos de corpo e espírito demoliu-se frente a um monstruoso advento: a propriedade privada.

Com a descoberta da agricultura, a domesticação de animais para o corte e o manuseio de matérias brutas para fabricação de utensílios domésticos, deu-se lentamente na produção um processo de individualização social. A luta pela sobrevivência, que antes era comum, passou a ser privada. Cada um passou a pescar, caçar, colher e exercer todos os outros trabalhos indispensáveis para a vida, individualmente. E a grande família comum, foi esmagada por individualismo interno, que a dividiu em pequenas famílias. Mas como é impossível um só homem fabricar tudo para sua perfeita sobrevivência, ele passou a produzir um excedente sobre determinada coisa, e esse excedente adquiriu valor de troca.

E a ordem econômica reverteu-se, e finalmente reverteu-se a moral e a política. Os mais astutos passaram a acumular grandes fortunas às custas de seus semelhantes;



e visando a manutenção dessa riqueza fundamentou-se a família monogâmica. A mulher foi atirada na prisão doméstica, submetem-na a simples procriadora; o homem passou a exercer poder sobre sua esposa e filhos. A mulher passou a viver para o lar e dentro dele, tornou-se esposa e escrava passiva; objeto de veneração sexual, prostituta e segundo sexo.



Com o advento do Feudalismo, os escravos passaram a servos, mas a tirania perdurou no seu aspecto. As famílias proprietárias do feudalismo, seguindo seus interesses aristocráticos, fundamentavam o matrimônio em simples desejos carniais. Preocupados em preservar sua dinastia sanguínea, pois suas riquezas já estavam consolidadas pelo poder das armas, casavam seus filhos antecipadamente, sem mesmo os conjuges se conhecerem. E a mulher continuou a ser doméstica, esposa, mãe e segundo sexo. Passou-se 6 milênios, quando veio a Revolução burguesa. A burguesia, por sua vez, mudou essa moral; atendia seus interesses econômicos, não mais a dinastia sanguínea, mas sim uma família que se baseasse em "verdadeiros" laços espirituais e de carinho, pois consolidava uma falsa harmonia no lar, a fim de melhor administrar suas riquezas. Era preciso que a mulher fosse uma boa dona-de-casa, para que os bens adquiridos pelo pai ou marido fossem gastos economicamente. Assim a família burguesa tornou-se guardiã viva das riquezas acumuladas. A moral burguesa, ou capitalista, condenando o matrimônio Feudal, pretendia



tirar proveito do amor e converter esse sentimento num meio de consolidar os seus laços familiares, e por sua vez, suas riquezas acumuladas. Ainda a mulher continuava



a ser doméstica, esposa, mãe e segundo sexo.

Com a Revolução Industrial, o Capitalismo percebeu que suas mãos não só apenas serviam para cozer e fazer carícias, e atirou-as dentro das fábricas, oficinas e Parlamentos. Nisso deu-se um fenômeno: o mesmo poder que a submeteu sob a tirania doméstica durante tantos séculos, submeteu-a, ainda, ao jugo do capital. Abriu seu horizonte, não como indivíduo social, mas como escrava do salário, assim como seu primeiro dono. Passou a ser terceiro sexo!

E assim permaneceu por quase 7 mil anos; subjugada, servil, tutelada, sem caráter. Apenas sombra do homem e eco da sua voz. E esses quase 7 milênios, foram suficientes para degenerá-la física e moralmente. Não tendo participação ativa nas relações de produção, tendo apenas que se preocupar com as minudezas de seu estreito cotidiano, seus músculos diminuíram em força e aumentaram em delicadeza. Hoje seu corpo é como um santo prostituído nessa sociedade de compra e venda. É exposto semi-nú as vistas dos olhos sedentos de cio dos cafetões sociais. Melindrosa, delicada, frágil, são as qualidades tão apreciadas pelos homens; qualidades que representam sua inferioridade perante o sexo masculino. E não tendo mais que se preocupar com problemas sociais, pois é tarefa para homens, seu cérebro atrofiou e permaneceu na mais servil das acomodações.

Que tamanha desgraça! Não existe inferioridade : não existe a mulher melindrosa, de corpo en-deusado e espírito prostituído. Existe condicionamento social, físico e psicológico, que, através das gerações, foram passados hereditariamente!



Nos dias de hoje vemos mulheres legislando, em parlamentos, em delegacias e etc. Pactuam com essa sociedade, e pactuar com essa sociedade política, religiosa ou moralmente, é aceitar passivamente a submissão humilhante, o servilismo e a inferioridade em relação ao seu próprio sexo! A batalha que se trava na sociedade é a luta da vida contra a morte, temos que estar com a vida, pois os mortos não falam!



Uma nova moral que venha substituir essa moral de Escravos, que venha subtrair o Amor do estrangulamento cívico e religioso, é incompatível com a ordem social burguesa. Já vimos qual foi a evolução que atirou a mulher nesse lodagal de desgraças... e uma nova moral, exige, fatalmente, uma nova ordem econômica!

A solução reside nas seguintes palavras: "A medida que a mulher intervém no mecanismo da vida social, à medida que se converte em mola ativa do mecanismo da vida econômica, o seu horizonte alarga-se". A. Kollontai.

A chaga que te deforma reside no teu ostracismo social, tua resignação passiva perante os direitos e deveres sociais. Deves introduzir-te na sociedade, não como mãe, esposa ou assalariada, isso tu já és, mas como indivíduo. Deves associar-te com tuas companheiras/ (os) de desgraça a fim de amenizar este quadro aterrozante, desenvolver-te cultural e politicamente. Exigir da sociedade teus direitos enquanto mulher, e mais que tudo, unir vossas mãos com as de todos os escravos do Capital, no intuito de desfazer o mal pela raiz: essa monstruosa ordem social!

por Batata.



C U R T A S

O grupo Mulheres de Mauá, da Associação de Donas de Casa e Movimentos Populares, se organizam para o 08 de Março. Vários bairros discutem problemas do seu cotidiano: Bairro Miranda, Pq. das Américas, Jd. Zaira, Sta. Cecília, Vila Vitória e Itapeva.

Os Temas trabalhados são:

-Violência: estupro/marido querendo "sexo quando a mulher não quer";

-Educação: o governo retirou os Supletivos das escolas/a Escola Padrão;

-Creches nos Locais de Trabalho;

-Casa Albergue(onde a mulher busca refúgio);

-Delegacia da Mulher.

Programa:

1º)Semana da Mulher: cada bairro está organizando discussões sobre aposentadoria da mulher, salário da dona de casa, plebiscito de 21 de abril.

2º)O dia 07: as mulheres vão se encontrar numa escola o dia todo, quando haverá palestra, lanche comunitário, creche, lazer.

3º)O dia 08: as mulheres estarão na Câmara Municipal à noite, na sessão extraordinária(sobre a mulher) quando colocarão suas reivindicações.

Mais inf.: Rua Plena, 301-Itapeva-Município de Mauá-Cep.:09.300-970.A/C Darci.

Centro de Cultura Social

Rua Rubino de Oliveira, nº 73, sala 01.

A CULTURA EMANCIPA:

A Nova Mulher e a Moral Sexual(A.Kollontai) ;
A Origem da Família, do Estado e da Propriedade Privada(F.Engels); A Mulher é uma Degenerada...(M.Lacerda de Moura); O Segundo Sexo (S. de Beauvoir); A Revolução Sexual(W.Reich) ...

EXPEDIENTE: Datilogr.:Batata - Diagr./Ilus.:Lerha/San.

- 07 -